

Carta muito pessoal de um recluso “Covid-ativo”

João Pedro Duarte



© Editora Gato-Bravo, 2021

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro nem o seu registo em sistema informático, transmissão mediante qualquer forma, meio ou suporte, sem autorização prévia e por escrito dos proprietários do registo do *copyright*.

editor Marcel Lopes

coordenação editorial Paula Cajaty

revisão Margarida Fontes

projecto gráfico Bookxpress

imagem da capa Omar, at Adobestock

Título

Carta muito pessoal de um recluso Covid-ativo

Autor

João Pedro Duarte

e-ISBN 978-989-8938-86-2

1ª edição: fevereiro, 2021

GATO•BRAVO

rua de Xabregas 12, lote A, 276-289

1900-440 Lisboa, Portugal

tel. [+351] 308 803 682

editoragatobravo@gmail.com

editoragatobravo.pt

Sumário

Prólogo

Primeira Parte

Um fim de semana qualquer

Segunda Parte:

O último heterónimo de Fernando Pessoa

Terceira Parte: Cartas

Carta de Apresentação

18 de março de 2020

19 de março de 2020

20 de março de 2020

21 de março de 2020

22 de março de 2020

23 de março de 2020

24 de março de 2020

25 de março de 2020

26 de março de 2020

27 de março de 2020

28 de março de 2020

29 e 30 de março

31 de março de 2020

1 de abril de 2020

2 de abril de 2020

3 de abril de 2020

4 de abril de 2020

5 de abril de 2020

6 de abril de 2020

7 de abril de 2020

8 de abril de 2020

9 de abril de 2020

10 de abril de 2020

11 de abril de 2020

12 de abril de 2020

13 de abril de 2020

14 de abril de 2020

15 de abril de 2020

16 de abril de 2020

17 de abril de 2020

18 de abril de 2020

Capítulo Final

O Ilusionista e a lata de atum

Para a minha mãe

Para a minha mãe.

Prólogo

Por opção, este livro está dividido em três partes. As duas primeiras partes espelham dois pequenos contos que escrevi: “Um fim de semana qualquer” e “O último heterónimo de Fernando Pessoa”. A terceira parte é a mais extensa, e incide num vasto número de cartas que escrevi nestes tempos de quarentena que, aliás, deram origem ao título do livro.

As personagens dos meus dois contos são inspiradas em pessoas que conheci na minha vida pessoal. Não obstante, o segundo conto é a minha homenagem um tanto ou quanto modesta a Pessoa.

As cartas foram escritas para suportar melhor a vida cá por casa, nesta condição de prisão domiciliária.

Primeira Parte: Um fim de semana qualquer

Aqui perto, existe o desassossego habitual de quem corre atrás de sonhos e esperanças, mas que se vê confinado a desempenhar as funções que lhe são admoestadas com o tempo. Efetivamente, este desassossego é intrínseco ou jovial, uma vez que o Quinto Império não está à distância de uma corrida desenfreada que podemos dar para apanhar o autocarro já em andamento, ou até quando nos aventuramos a deambular pela passadeira quando o semáforo está vermelho para os peões. Em Lisboa, já lá vai o tempo em que se ouvia “como está, vossa mercê?”. No Carmo, o eco da liberdade é abafado à medida que nos deixamos embalar pela maresia de um Tejo, que tende agora a ser vislumbrado pelas redes sociais.

A uns tantos quilómetros de distância, ao pé da terra onde El Rei D. Dinis imperou que se plantasse um sublime pinhal, ainda existe uma insustentável leveza do ser. É naquele local que posso inspirar e sustentar as recordações de uma infância qualquer que tive, onde idealizava, numa árvore, a estrutura coesa de uma casa que nunca cheguei a conhecer. Lá, descobri que, a par da árvore, o melhor resultado do trabalho árduo a que nos submetemos quando usamos uma enxada reside nos calos que tendem a prevalecer nas nossas mãos pelo resto da vida. Porém, o breve conto que aqui promete ser narrado tem somente lugar na capital lusitana, sendo que, pelo menos, foi o que me fez parecer desde a última vez que o visitei. Não